

## INTRODUÇÃO

### A PROMOÇÃO DO OCIDENTE

A nossa compreensão do período que vai de Filipe, o Belo a Henrique IV ficaria muito facilitada se fossem suprimidos dos livros de História dois termos solidários e solidariamente inexactos: «Idade Média» e «Renascimento». Com isso se abandonaria todo um conjunto de preconceitos. Ficar-se-ia, especialmente, livre da ideia de ter havido um corte brusco que veio separar uma época de luz de um período de trevas.

Criada pelos humanistas italianos e retomada por Vasari, a noção de uma ressurreição das letras e das artes graças ao reencontro com a Antiguidade foi, seguramente, fecunda como fecundos são todos os manifestos lançados em todos os séculos por novas gerações conquistadoras. Essa noção significa juventude, dinamismo, vontade de renovação. Teve em si a inevitável injustiça das abruptas declarações de adolescentes, que rompem ou crêem romper com os gostos e as categorias mentais dos seus antecessores. Mas o termo «Renascimento», mesmo na acepção estrita dos humanistas, que o aplicavam, essencialmente, à literatura e às artes plásticas, parece-nos actualmente insuficiente. Parece rejeitar, como bárbaras, as criações simultaneamente sólidas e misteriosas da arte românica e aquelas outras, mais esbeltas e dinâmicas, da idade gótica. Não dá conta nem de Dante, nem de Villon, nem da pintura flamenga do século XV. E, principalmente, ao ser alargado às dimensões de uma civilização pela historiografia romântica, mostrou-se inadequado. Não afirmou Burckhardt — que não tinha em conta a economia —, há já um século, que, no essencial, o Renascimento não fora uma ressurreição da Antiguidade? Ora, se dermos aos factos da economia e à técnica o lugar que lhes cabe, o juízo de Burckhardt ganha ainda mais verdade. Pois o regresso à Antiguidade em nada influiu na invenção da imprensa ou do relógio mecânico, nem no aperfeiçoamento da artilharia, nem no estabelecimento da contabilidade por partidas dobradas, nem no da letra de câmbio ou das feiras bancárias. Mas as palavras têm muita vida. Impõem-se-nos contra

a nossa própria vontade. Com que haveríamos de substituir a palavra «Renascimento»? Com que outro vocábulo designaríamos essa grande evolução que levou os nossos antepassados a mais ciência, mais conhecimentos, maior domínio do mundo natural, maior amor pela beleza? Na falta de melhor, conservei, portanto, ao longo de todo este trabalho, a palavra consagrada pelo uso. Mas que fique entendido: esta palavra já não pode ter o sentido original. No âmbito de uma História total, significa (e não pode significar outra coisa) a *promoção do Ocidente numa época em que a civilização da Europa ultrapassou, de modo decisivo, as civilizações que lhe eram paralelas*. No tempo das primeiras cruzadas, a técnica e a cultura de Árabes e Chineses igualavam, e suplantavam até, a técnica e a cultura dos Ocidentais. Em 1600 já não era assim. Propus-me, pois, estudar o porquê e o como da ascensão do Ocidente no momento em que ele elaborou uma civilização de tal modo superior que, seguidamente, se impôs pouco a pouco a todo o mundo.

Os diversos espaços atribuídos ao Renascimento são tantos quantos os historiadores. Na minha óptica, os problemas da periodização — um dos pesadelos da historiografia ao debruçar-se sobre a época intermédia que separou a idade feudal da era de Descartes — perdiam acuidade. Optei por uma história longa, sem tentar estabelecer cortes artificiais. Tudo o que se mostrasse como elemento de progresso seria chamado a figurar numa vasta paisagem que se estende do fim do século XIII até à aurora do século XVII e que vai da Bretanha à Moscóvia. Em contrapartida, visto que toda a construção histórica tem, necessariamente, rejeições e silêncios, deixei de lado, as mais das vezes, os factores de estagnação — que indiscutivelmente pesaram numa civilização, apesar deles, rica de inovações. O quadro geral estava assim delineado e era evidente que o Renascimento aqui proposto não se revelaria especialmente artístico nem particularmente italiano. O acento tónico recaiu no dinamismo de toda a Europa. A ciência pictórica dos Van Eyck e as miniaturas do rei René, a invenção do alto forno e a realização da caravela, as antecipações proféticas de Nicolau de Cusa e o irenismo de Erasmo pareceram-me significar a promoção do Ocidente no mesmo pé que os estudos de perspectiva de Piero della Francesca e de Leonardo. É certo, no entanto, que a Itália, pelos seus humanistas, pelos seus artistas, pelos seus homens de negócios, pelos seus engenheiros e pelos seus matemáticos, foi o país de vanguarda, o principal responsável pelo grande avanço europeu.

O historiador fica confundido perante o dinamismo que há um milénio o Ocidente tem vindo a mostrar. Durante o período abrangido pelo nosso estudo, nem o peso das estruturas e técnicas rurais nem o conservantismo das corporações nem a esclerose das tradições escolásticas conseguiram equilibrar as forças de movimento, cujo poder se mani-

festou sempre com nova energia. Porquê essa energia? O legado da civilização greco-romana, o contributo fecundante do cristianismo, o clima temperado, as terras férteis — eis aí outros tantos factores, sem dúvida a juntar a muitos outros, que favoreceram os homens que se tinham concentrado no Oeste do continente euro-asiático. Mas também não faltaram as provações: umas naturais, como a Peste Negra; outras provocadas pelo jogo das competições políticas, económicas e religiosas. Entre 1320 e 1450 abateu-se sobre a Europa uma conjunção de desgraças: privações, epidemias, guerras, aumento brutal da mortalidade, diminuição da produção de metais preciosos, avanço dos Turcos; desafios esses que foram vencidos com coragem e com génio. A história do Renascimento é a história desses desafios e dessas respostas. A crítica do pensamento clerical da Idade Média, a recuperação demográfica, os progressos técnicos, a aventura marítima, uma estética nova, um cristianismo reelaborado e rejuvenescido: eis os principais elementos da resposta do Ocidente às tão variadas dificuldades que no seu caminho se haviam acumulado. «Desafio e resposta»: pode-se aqui reconhecer a terminologia de A. Toynbee, e eu penso que ela traduz admiravelmente o fenómeno do Renascimento. Mas não vou mais além na esteira desse grande historiador inglês. Vistas a uma certa distância, a história da Humanidade em geral e, mais especialmente, a da humanidade ocidental parecem menos uma sucessão de crescimentos e de desagregações que uma marcha para diante, entrecortada, é certo, de paragens e regressões; mas paragens e regressões apenas provisórias. É verdade que houve porções de humanidade localmente falhadas, mas a Humanidade, globalmente considerada, nunca deixou de progredir de século em século, e isso também nos períodos de conjuntura desfavorável. Assim, e sem negligenciar o estudo da conjuntura na época do Renascimento, insisti principalmente nas modificações das estruturas materiais e mentais que permitiriam à civilização europeia avançar, entre os séculos XIII e XVII, no caminho do seu extraordinário destino.

Identificar um caminho não implica achá-lo sempre belo, como não implica que não haja outro possível. Como ao historiador compete compreender e não julgar, não procurei saber se o período do Renascimento deveria ser preferido à «idade das catedrais» ou privilegiado em relação ao «grande século». Para quê essa estranha mas frequente distribuição de prémios? Por isso não apresentei um Renascimento em que tudo fosse êxitos e beleza. Pelo contrário, a mais elementar obrigação de lucidez conduz-nos a declarar que os séculos XV e XVI viram, de certo modo, um aumento de obscurantismo — o obscurantismo dos alquimistas, dos astrólogos, das feiticeiras e dos caçadores de feiticeiras. Continuaram a dar relevo a tipos de homens — por exemplo, os *condottieri* — e de sen-

timentos, como o desejo de vingança, que durante muito tempo foram tidos por característicos do Renascimento quando, na verdade, constituíam herança do período anterior. Tempo de ódios, de lutas terríveis, de processos insensatos, a época de Barba-Azul e Torquemada, dos massacres dos povos americanos e dos autos-de-fé, impressiona também o historiador do século XX pela dureza da sua vida social. Não só inaugurou a deportação dos Negros para o Novo Mundo como também alargou, na própria Europa, o fosso que separava os humildes dos privilegiados. Os ricos tornaram-se mais ricos, os pobres passaram a ser mais pobres. Não se repisou já muito a ascensão da burguesia na época de Jacques Cœur, dos Médicis e dos Fugger? A realidade é mais complicada, pois os novos-ricos apressaram-se a passar à nobreza, que assim se viu renovada e insuflada. Claro que ela foi cada vez mais dócil em relação ao Príncipe. Mas nem por isso deixou de ser a classe possuidora. E, ao converter-se à cultura — fenómeno cuja importância ainda não foi bastante salientada —, impôs à civilização ocidental uma estética e uns gostos aristocráticos que tinham por contrapartida o desprezo pelo trabalho manual.

Raramente numa fase da História o melhor ombreou tanto com o pior como no tempo de Savonarola e dos Borgia, de Santo Inácio e do Aretino. Por isso o Renascimento surge aos nossos olhos como um oceano de contradições, um concerto por vezes estridente de aspirações divergentes, uma difícil concomitância da vontade de poderio e de uma ciência ainda balbuciante, do desejo de beleza e de um apetite malsão pelo horrível, uma mistura de simplicidade e de complicações, de pureza e de sensualidade, de caridade e de ódio. Recusei-me, portanto, a mutilar o Renascimento e a não ver nele, como H. Haydn, senão um espírito anticientífico ou, em sentido oposto, como E. Battisti, senão a caminhada para o racional. Nisso residem o seu carácter desconcertante, a sua complexidade e a sua inesgotável riqueza. Por exemplo, ao dar ao número, na tradição dos pitagóricos, um carácter quase místico e religioso, o Renascimento foi, todavia, conduzido, por esse caminho indirecto, para o quantitativo e para a noção cientificamente fecunda segundo a qual a Matemática constitui o tecido do Universo.

★

O Renascimento tinha o gosto dos caminhos escusos. É por isso que ainda hoje o regresso à Antiguidade obceca certos espíritos que pretendem avaliar a época de Leonardo em função desse aspecto e lhe reprovam ter-se deixado atrasar por aquele passado já de há muito suplantado. Na verdade, o aparente regresso às fontes da beleza, do saber e da religião foi apenas um meio de progredir. Alegrementemente se «pilhou os templos de Atenas e de Roma» para ornamentar os de França, de Espanha e de Inglaterra. A partir do século XVI identificou-se em Miguel Ângelo o

maior artista de todos os tempos. Demoliu-se Aristóteles com base em Platão e Arquimedes. Colombo descobriu as Antilhas graças aos erros de cálculo de Ptolomeu. Lutero e Calvino, julgando restaurar a Igreja primitiva, deram uma face nova ao cristianismo. O Renascimento, que se comprazia com os «emblemas» e os criptogramas, dissimilou a sua profunda originalidade e o seu desejo de novidade por trás de um hieróglifo que ainda causa enganos: a falsa imagem de um regresso ao passado.

Através de contradições, e por caminhos complicados, mas sempre sonhando com paraísos mitológicos ou com impossíveis utopias, o Renascimento deu um extraordinário salto para diante. Nunca uma civilização dera tão grande lugar à pintura e à música, nem erguera ao céu tão altas cúpulas, nem elevara ao nível da alta literatura tantas línguas nacionais encerradas em tão exíguo espaço. Nunca no passado da Humanidade tinham surgido tantas invenções em tão pouco tempo. Pois o Renascimento foi, especialmente, progresso técnico; deu ao homem do Ocidente maior domínio sobre um mundo mais bem conhecido. Ensinou-lhe a atravessar os oceanos, a fabricar ferro fundido, a servir-se das armas de fogo, a contar as horas com um motor, a imprimir, a utilizar dia a dia a letra de câmbio e o seguro marítimo.

Ao mesmo tempo — progresso espiritual paralelo ao progresso material —, iniciou a libertação do indivíduo ao tirá-lo do seu anonimato medieval e começando a desembaraçá-lo das limitações colectivas. Burckhardt observou de forma genial esta característica da época que estudava. Todos os seus sucessores o têm de seguir nesse caminho, mas sublinhando quão doloroso foi esse nascimento do homem moderno, acompanhado por um sentimento de solidão e de pequenez. Os contemporâneos de Lutero e de Du Bellay descobriram-se pecadores e frágeis, sujeitos às ameaças do Diabo e das estrelas. Houve uma melancolia do Renascimento. E talvez não tenha sido errado — sob condição de se não tomar a fórmula em mau sentido — o definir-se a doutrina da justificação pela fé como um «romantismo da consolação». Mas falar apenas de descoberta do Homem é dizer muito pouco. A historiografia recente demonstrou que o Renascimento foi também descoberta da criança, da família, no sentido estrito da palavra, do casamento e da esposa. A civilização ocidental fez-se então menos antifeminista, menos hostil ao amor no lar, mais sensível à fragilidade e à delicadeza da criança.

O cristianismo viu-se nessa altura perante uma nova mentalidade, uma mentalidade complexa, feita do receio da danação, da necessidade de devoção pessoal, da aspiração a uma cultura mais laica e do desejo de integração da vida e da beleza na religião. O anarquismo religioso dos séculos XIV e XV levou, sim, a uma ruptura, mas também a um cristianismo rejuvenescido, mais estruturado, mais aberto às realidades do dia a dia, mais habitável pelos leigos, mais permeável à beleza do corpo e do mundo. O Renascimento foi, sem dúvida, sensual; e optou,

por vezes, especialmente em Pádua, por uma filosofia materialista. Mas o seu paganismo, mais aparente que real, iludiu certos espíritos que buscavam, principalmente, o anedótico e o escandaloso. Deslumbrado com a beleza do corpo, pôde restituir-lhe o seu legítimo lugar na arte e na vida. Mas, com isso, não aspirava a romper com o cristianismo. A maioria dos pintores representou com igual convicção as cenas bíblicas e os nus mitológicos. Ao fazê-lo, não tinham o sentimento de estar em contra-dição consigo próprios. A mensagem de Lorenzo Valla foi compreendida: cristianismo não significava, forçosamente, ascetismo. A laicização e a humanização da religião não constituíram, nos séculos XV e XVI, uma descristianização.

Esta explicação convida a outra, de natureza diferente. Ambas, porém, provêm do mesmo desejo de explorar em profundidade um período que tem sido fascinante principalmente pelo seu cenário, as suas festas e os seus excessos. Pois não iríamos aqui ceder à facilidade e apresentar um Renascimento em que o veneno dos Borgia, as cortesãs de Veneza, os casamentos de Henrique VIII e os bailes da corte dos Valois tivessem posição de primeiro plano. Em vez disso, o que deve chamar as atenções são as transformações de incalculável alcance, escondidas por falsas perspectivas como as que todas as épocas têm. Seguindo John U. Nef, acentuei, portanto, a promoção do quantitativo e a elevação do espírito de abstracção e de organização, a lenta mas firme consolidação de uma mentalidade mais experimental e mais científica.

Fugindo a caminhos muito trilhados, à anedota e ao superficial, desejoso de oferecer uma síntese nova e de empreender uma reinterpretação do Renascimento, tive todavia a constante preocupação de evitar o paradoxo e as fórmulas, que atordoam mas não convencem. Procurei, em vez disso, demonstrar, esclarecer, fornecer ao leitor uma documentação tão vasta quanto possível. Quando estava a escrever este livro veio-me muito à memória uma frase de Calvino. No fim da vida, ao dar uma olhadela às suas obras, Calvino disse: «esforcei-me por alcançar a simplicidade». Também eu procurei fazer o mesmo.

Estas poucas páginas de introdução tiveram a finalidade de criar uma ligação, uma cumplicidade entre o leitor e o autor. Eu devia a quem viesse a ler-me as explicações necessárias. Chegou agora o momento de recolher-me e dar lugar ao assunto que tratei; mas não sem mostrar o plano seguido. A primeira parte constitui uma colocação dos principais factos nos quatro domínios: político, económico, cultural e religioso. A segunda é uma penetração no interior das realidades concretas da vida quotidiana. A terceira, paralela à segunda, mas na ordem espiritual, procura identificar uma mentalidade diferente da do passado e captar a vinda à superfície de novos sentimentos.

## PRIMEIRA PARTE

# LINHAS DE FORÇA